

## CRESCIMENTO ABUNDANTE

### Problemas do crescimento (Atos 6:1-7)

Toda igreja que cresce em número, cresce também em dificuldades. A não ser que uma igreja seja encarada como uma agência bancária, onde apenas se espera receber “os clientes” para trazerem o dinheiro, pessoas precisam ser cuidadas e costumam dar muito trabalho. Não faz sentido que uma comunidade cristã se resume aos seus grandes ajuntamentos de fim-de-semana, enquanto nos demais dias os membros estejam isolados, vivendo suas vidas sem acompanhamento e a comunhão do corpo.

Desde o início, os apóstolos deram muita ênfase à vida comunitária. O incidente deste capítulo mostra que a comunhão e o cuidado não eram um mero discurso, mas eram levados a sério. Havia toda uma estrutura montada e conduzida, até aqui, pelos próprios apóstolos, para atender às senhoras viúvas em suas necessidades de alimentação e sustento. Esta já era uma preocupação na lei de Moisés (Êxodo 22:22-24). Cuidar das viúvas era uma questão de honra para um judeu, o que foi sabiamente transferido também para a ética cristã.

No entanto, as muitas responsabilidades, o aumento no número de fiéis e, em especial, as prioridades do ministério apostólico, acabaram provocando algumas situações em que a qualidade do atendimento passou a ser prejudicado. Surgiu um foco de reclamações. As viúvas helenistas (judias que falavam grego, o que indica que tinham sido criadas longe da Palestina, na Diáspora) começaram a dizer que estavam sendo preteridas em detrimento das viúvas dos hebreus (que falavam aramaico). Não fica claro no texto se a reclamação era procedente ou não. Infere-se, pela atitude pronta que os apóstolos tomaram, que pelo menos havia algum problema a ser resolvido em relação ao sustento das senhoras da comunidade.

Estava posta uma situação potencialmente explosiva: uma mistura perigosa de sentimento faccioso, preconceito, necessidades básicas e uma comunidade cristã recém-formada. Era um momento delicado, que exigia tato e ação imediata.

### Uma oportunidade de melhoria

Este momento e circunstância de descontentamento e murmuração poderia ser crítico para a comunidade, mas tornou-se uma oportunidade de acertos e de aumento do crescimento. É importante aprender nos problemas. Os líderes que não conseguem administrar corretamente estes momentos acabam por permitir que os problemas cresçam e se tornem muito maiores e mais destruidores do que se fossem tratados logo no começo.

O primeiro passo para conseguirem uma solução eficiente e espiritual foi ter a humildade de *reconhecer o problema*. É irritante quando pastores ou líderes fingem não ver ou negam os problemas na sua equipe, ministério ou comunidade. Alguns passam a sensação de que estão vivendo num mundo de sonhos, enquanto todos os demais membros tem uma percepção completamente diferente da realidade. Esta atitude não ajuda em nada. É o mapa do desastre.

Então, prevalece o *bom senso*: se as prioridades dos líderes (oração e ministério da Palavra) não podiam ser alteradas, era preciso dividir os papéis. Aquilo que outros poderiam fazer não precisava ficar nas mãos do apostolado. Definidos os critérios para o diaconato, a própria comunidade se incumbiria de eleger os homens que tomariam conta daquela área de atividade da igreja. A partir daquele momento, um peso sai das costas dos apóstolos. Eles podem manter o foco e os dois

ministérios (o diaconato e o apostolado) voltarão a ser executados com eficiência e qualidade. Surge nesta ocasião o conceito de **diaconia**: servir como suporte, isto é, como apoio a outros ministérios, oferecendo a infraestrutura que possibilite aos demais membros executarem seus dons para o bom desempenho do Corpo de Cristo.

Finalmente, note que houve uma *incumbência pública*: os sete diáconos escolhidos pela comunidade foram apresentados nominalmente diante de toda a igreja. Se alguém precisasse resolver qualquer assunto relativo à distribuição diária das rações das viúvas, era a um deles que deveriam se dirigir de agora em diante. Simples, objetivo, prático, claro. Uma tremenda lição sobre desprendimento pessoal e descentralização por parte dos apóstolos, bem como uma demonstração de que eles confiavam nos homens escolhidos. Não eram homens quaisquer. Tinham sido escolhidos por serem:

- “de boa reputação” - caráter e credibilidade, qualidades de quem vai lidar com dinheiro público
- “cheios do Espírito” – dotados de sensibilidade e direção espiritual, pois estavam lidando com o povo de Deus
- “sabedoria” – capacidade de administrar variáveis e situações em uma comunidade grande e crescente.

Quando sabemos escolher usando os critérios bíblicos, não teremos razões para suspeitar ou duvidar do trabalho das pessoas.

## Serviço de alto nível

De onde surgiram aqueles sete irmãos? O alto grau das exigências estabelecido pelos apóstolos não nos permite imaginar que de uma hora para outra, num passe de mágica, Estêvão, Filipe, Prócoro, Nicanor, Timão, Pármenas e Nicolau estivessem prontos para encarar o desafio. Podemos sugerir que a formação dos sete primeiros diáconos da História da Igreja tenha sido o resultado direto da influência piedosa dos apóstolos sobre suas vidas. Dentro de algum tempo, encontraremos dois deles pregando com ousadia e intrepidez, imitando as ações de seus líderes.

Uma importante lição para a igreja de hoje é incentivar a formação de homens deste quilate, que estejam prontos para assumir responsabilidades na Igreja quando chegar a hora. É muito comum encontrar pastores que reclamam de seus diáconos. Pode ser que a razão da existência de um mau diácono esteja ligada diretamente à qualidade de seus pastores. Ninguém é formado da noite para o dia. O desenvolvimento de líderes e servos competentes é o resultado da ação deliberada, consciente e organizada de outros líderes.

Na igreja primitiva, mesmo o “servir às mesas” nunca foi um serviço encarado como “secundário”. Não era um assunto a ser delegado para quem estivesse ocioso, mas para quem tivesse condições comprovadas de assumir a tarefa e executá-la de forma piedosa. Em uma igreja verdadeiramente espiritual, nada é feito “de qualquer jeito” ou “por qualquer um”. Ninguém recebe uma responsabilidade porque “está desanimado”, mas porque tem dons para um ministério, caráter provado e treinamento adequado para fazer o melhor.

Nunca mais a distribuição às viúvas seria um assunto a ser discutido. A questão estava definitivamente solucionada.

## Uma equipe afinada

Observe que foi uma decisão “dos doze”. Havia um time, uma equipe de liderança que trabalhava junto, embora nem todos os nomes são citados como “porta-vozes”. Embora Pedro, desde o tempo de Jesus, naturalmente aparece na dianteira, veremos em outras ocasiões (como Atos 15) Tiago tomando a palavra e sendo ouvido em pé de igualdade. Nenhum deles estava preocupado em ser o “principal” ou o “maioral”. Tinham aprendido bem a lição desde o episódio de Tiago e João em Mateus 20:20-28.

Nos dias atuais, é indisfarçável a atitude de alguns (inclusive aqueles que se autodenominam “apóstolos”) no sentido de exigirem obediência cega, agindo como déspotas centralizadores, que mandam e desmandam, sem prestar contas ou satisfações a quem quer que seja. Liderança personalista, que busca os holofotes, se assemelha muito aos imperadores e monarcas, mas não tem nenhuma relação com o estilo de liderança da genuína equipe de apóstolos formada pelo Senhor Jesus Cristo.

Bem possivelmente a diferença na atitude dos primeiros líderes da igreja e dos atuais esteja nos motivos. Pedro, Tiago, João, Paulo e todos os outros nunca estiveram preocupados em formar impérios particulares para neles imprimir a sua própria imagem. Suas vidas eram totalmente comprometidas com o Reino de Deus. Nada mais importava. Com tal senso de propósito, desviar o foco para suas personalidades era algo completamente descabido.

## A imposição de mãos

Impor as mãos era uma prática comum entre os apóstolos e significava (e continua significando até hoje) identificação e comunhão de uma comunidade com uma pessoa. Origina-se na cerimônia de apresentação de um animal para o sacrifício (Levítico 1:4). Ali, o ofertante colocava a mão sobre a cabeça da vítima, simbolizando sua plena identificação com aquele que o substituiria: o pecado de um levava o outro à morte.

Assim, ao impor as mãos sobre os diáconos, os apóstolos estavam afirmando sua associação naquele ministério. Era uma maneira pública de dizer: *“Estamos com vocês, podem contar com a gente. Estamos juntos”*. Esta prática não deve ser confundida com a transferência de poderes especiais ou de uma cerimônia mística. Por ter assumido esta conotação em alguns círculos, acabou sendo rejeitada por outros. A imposição de mãos é uma prática bíblica e correta, que pode e deve ser usada desde que entendida adequadamente.

## Os resultados

Uma vez resolvida a questão, mais uma vez os resultados são visíveis. Eles passaram em mais este teste. A tentativa do inimigo de semear a discórdia no seio da igreja foi frustrada. Como consequência, a Palavra continuou a ser anunciada fielmente e muitas pessoas se converteram. Como alguém já disse, tudo o que devemos fazer para que uma igreja cresça é não atrapalhar o curso natural das coisas. Como um corpo saudável, precisamos crescer. Se isto não acontece, cumpre-nos investigar qual é o problema, identificá-lo, tratá-lo objetivamente e, assim, remover o entrave.

Dentre a multidão dos salvos nesta outra leva, havia muitos sacerdotes judeus. Isto indica que, mesmo sabendo da oposição desta classe ao Evangelho, os discípulos continuavam a evangelizá-los.

E assim, outra vez nos deparamos com a questão dos números. Uma multiplicação de pessoas

salvas, muitíssimos sacerdotes abraçando a fé. É verdade que em outros contextos, mesmo no livro de Atos, os resultados não foram tão expressivos numericamente. Mas aqui foram, e são o produto direto da proclamação da Palavra de Deus. Ela não volta vazia, mas produz o efeito para a qual foi designada. Se a sementeira for farta, farta será também a colheita.

## **O diácono Estevão, mártir da fé (Atos 6:8-15; 7:1-53)**

Logo se percebe que o único ofício de Estevão não era servir às mesas. Ele fazia isso em conjunto com seu ministério de evangelismo entre o povo. A nova estrutura montada para atender às viúvas estava funcionando tão bem, que permitia aos sete indicados ter tempo para fazer outras coisas. No entanto, seu outro ofício não desmerecia nem diminuía a importância do primeiro. Os predicados deste extraordinário diácono são notáveis: **“cheio de graça e poder, fazia prodígios e grandes sinais entre o povo; não podiam resistir à sabedoria e ao Espírito, pelo qual ele falava.”**

Alguém poderia pensar que era um desperdício uma pessoa com tantas qualidades limitar-se ao serviço braçal de servir cestas básicas para senhoras. Não era esta a visão da igreja. Todos os ministérios eram vistos com a mesma importância. Além disso, a impressão que os relatos de Atos nos dão é de que este padrão elevado na qualidade dos crentes era, de fato, o normal a ser esperado. A maioria dos discípulos, não apenas os apóstolos, demonstrava um comprometimento, caráter e espiritualidade que atualmente serão considerados excepcionais, mas que eram o normal para aqueles primeiros dias.

Estevão aparece na história como um diácono sendo indicado para servir mesas e sai da vida para entrar na História como o primeiro mártir, ou seja, o primeiro a entregar sua vida por causa de sua fé. Ele seria as primícias de milhares (talvez milhões) de outros homens e mulheres que, até hoje, pagam com sua vida por não negarem a realidade de sua fé. São pessoas cujas histórias desafiam nosso cristianismo, por vezes tão amortecido por um estilo de vida idêntico ao sistema mundano que nos rodeia. Como é vergonhoso para nós vivermos tentando conseguir os aplausos e o favor do mundo, enquanto outros deram suas vidas por não abrir mão de suas convicções!

Quanto temos a aprender a respeito do valor da nossa fé com os irmãos mártires<sup>4</sup>, aos quais devemos um legado inestimável.

## **Discussões**

Estevão não provocou uma discussão religiosa, nem estava interessado em “ganhar um debate” ou em esbanjar sabedoria. Ele apenas falava da parte do Espírito. Testemunhava corajosamente da sua fé, sem medo de ser julgado politicamente incorreto. Seu objetivo não era buscar o apoio dos opositores. Ele, assim como os apóstolos, tinha uma mensagem a ser anunciada, que em nada soava agradável à ortodoxia fria dos judeus. Os sinais e milagres que ele operava, em nome de Jesus, eram uma comprovação de que ele não estava ali para brincadeira. Seu Senhor tinha sido rejeitado pelos seus líderes, tinha sido crucificado, mas estava vivo. O poder da sua ressurreição se manifestava nos milagres e na intrepidez daquele grupo cada vez mais crescente de crentes.

Quando se prega o Evangelho genuíno, a confrontação é inevitável. A graça presente na mensagem é absolutamente ofensiva ao intelecto e ao coração do homem decaído. Nem por isso, os Atos demonstram qualquer tentativa de conciliação entre o pensamento vigente da época e a

---

<sup>4</sup> Sugerimos fortemente a leitura do clássico *O Livro dos Mártires*, editado atualmente pela editora CPAD, que narra detalhes impressionantes sobre as perseguições contra os cristãos em várias épocas da História da Igreja.

mensagem do Evangelho. Não havia provocação gratuita da parte dos cristãos, mas também eles não “fugiam da raia” diante da oposição. Com coragem e plenos do Espírito, eles simplesmente guardavam suas posições. Foi este o caso com Estêvão.

O resultado pessoal não foi o melhor. Seus oponentes, não podendo responder, porque seus argumentos eram humanos e falíveis (o que eles efetivamente defendiam era que Cristo Jesus tinha sido uma farsa, que não era o Filho de Deus e que tinha merecido o anátema da cruz – e agora viam-se, por coerência, na obrigação de estender esta rejeição aos seguidores do Senhor). Aí estava uma doutrina inconciliável com o Evangelho. Negar a origem divina e messiânica do Senhor Jesus era acabar definitivamente com a fé cristã. Não era possível sequer sentar à mesa para negociar isso. Era a base do Evangelho. Glória a Deus pela firmeza dos primeiros irmãos. Onde estaríamos nós, se eles tivessem tentado acomodar sua fé ao pensamento de sua época?

### A defesa de Estêvão

Levado diante do Sinédrio, nosso irmão diácono podia tentar negar as acusações, posto que todas eram falsas. No entanto, sua defesa não conteve uma única palavra em prol de si mesmo. Foi uma exposição bíblica da história de Israel, que estabelecia o contexto no qual o Messias chega e é rejeitado pelos seus. A impressão que temos é de que o discurso foi interrompido e muda de rumo quando chega no ponto do Templo de Salomão. Ele não menciona com detalhes o ministério dos profetas e o tempo dos reis. Quem sabe tenha percebido que a platéia estava impaciente ou desinteressada na exposição. A menção à resistência daqueles homens à ação do Espírito Santo pode ser uma referência a isso. Não sabemos.

O que está registrado é que ele parte deste ponto para uma acusação direta e fortíssima: **“Homens de dura cerviz e incircuncisos de coração e de ouvidos, vós sempre resistis ao Espírito Santo; assim como fizeram vossos pais, também vós o fazeis.”** A seguir, não apenas reafirma sua fé e apologia do Justo, como acusa-os diretamente como responsáveis por sua morte. Foi a gota d’água. Enfurecidos, taparam os ouvidos (uma demonstração inequívoca de que não estavam dispostos a ouvir mais nada). A partir daí seu destino estava selado. Seria apedrejado até a morte, sentenciado como blasfemo.

### Reações de quem está perto do céu

A postura física de Estêvão nas últimas cenas antes de sua morte são até hoje um relato clássico, algumas vezes confirmado por servos e servas de Deus na antessala da morte. Já no início, quando começou seu derradeiro discurso diante do Sinédrio, seu rosto era o prenúncio de quem vivia, quase literalmente, o céu na terra. As pessoas viram seu rosto “como o de um anjo”. Aparentemente, isto quer dizer que ele passava naquele instante por uma transfiguração, algo semelhante ao que o próprio Senhor Jesus viveu no monte com Pedro, Tiago, João, Moisés e Elias. Não se pode afirmar exatamente se este foi o caso, mas bem pode ter sido. A glória de Deus estava naquele lugar. O servo que vivera tão próximo de Deus, cheio do Seu Espírito, carregava agora em seu próprio corpo a marca distinta desta íntima comunhão.

Nos instantes que antecederam seu martírio, os detalhes também impressionam. Diz o texto que ele **“fitou os olhos no céu e viu a glória de Deus e Jesus, que estava à sua direita, e disse: Eis que vejo os céus abertos e o Filho do Homem, em pé à destra de Deus.”** Alguém já definiu esta cena como sendo o Senhor Jesus levantando-se do seu trono para receber o primeiro mártir da fé. Seja como for, aprendemos que olhos fitos no céu sempre verão a glória de Deus, mesmo nos

momentos mais críticos da nossa caminhada.

Num ato final, numa demonstração da grandeza das dimensões de sua relação com Deus e com os homens, ele entrega-se ao Senhor (“*recebe meu espírito*”) e perdoa seus algozes (“*não lhes imputes este pecado*”). Não é que ele não lhes atribua a culpa do que fizeram, mas que demonstra entender que estão fazendo isso por ignorância. São responsáveis por seus atos, mas Estêvão releva o que lhe diz respeito na história. Ele queria que mesmo seus assassinos pudessem ter uma chance de arrependimento e abandono da sua obstinação.

E o Evangelho prossegue...

**“Entrementes, os que foram dispersos iam por toda parte pregando a palavra.”** A morte de Estêvão não interrompeu a missão da Igreja. De fato, foi um elemento propulsor para o alcance de outros povos. Por enquanto, o Evangelho estava circunscrito aos judeus de Jerusalém. Samaria e os confins da terra ainda permaneciam inalcançados. A perseguição que irrompe depois no martírio de Estêvão acaba servindo ao propósito de Deus. Esta debandada vai fazer Filipe chegar a Samaria e outros discípulos aterrissarem na Fenícia, Chipre e Antioquia (Atos 11:19-20), onde foi implantada a primeira igreja gentílica.

Eles bem sabiam que corriam o mesmo risco de morrer que Estêvão. Naqueles dias, levantou-se a pior e mais ferrenha perseguição contra os discípulos de toda a história de Atos. Liderados por Saulo, eles **“assolavam a igreja, entrando pelas casas; e, arrastando homens e mulheres, encerravam-nos no cárcere.”**

Assim, a igreja passa a cumprir, literalmente a ordem de Jesus dada na chamada Grande Comissão: “*Indo, preguem o Evangelho a toda a criatura*”. Não era apenas aos judeus que a porta da graça se abria, mas para todos os homens. Por onde passaram, os cristãos anunciavam a Palavra. Episódios complementares, como a conversão de Saulo e de Cornélio, vão consolidar o conceito de universalidade do Evangelho para uma comunidade, até este ponto, formada apenas de judeus convertidos a Cristo.

Ironicamente, uma figura totalmente secundária surge na cena final. Como um figurante em um filme de ação, um jovem zeloso da tribo de Benjamin, aluno de Gamaliel, fariseu irrepreensível e destaque na sua geração<sup>5</sup> faz questão de segurar as roupas de seus líderes, para que eles se concentrem apenas na tarefa de arremessar pedras furiosas contra Estêvão, “o herege”. Era Saulo de Tarso. Consentia na sua morte, porque até então via a Jesus como uma farsa e a seus seguidores como uma ameaça à fé judaica e uma afronta ao monoteísmo de seus pais. Se naquele momento alguém sussurrasse ao seu ouvido algo como “Você será o mais conhecido deles”, isto seria imediatamente rechaçado como blasfêmia, cujo autor seria perseguido implacavelmente até a morte.

Mais uma vez somos surpreendidos pelo agir de Deus no cumprimento dos seus propósitos eternos. O Deus que pode livrar Pedro e João da cadeia, através de um anjo, poderia certamente ter evitado a morte de Estêvão. Mas foi desta forma que Ele escolheu ser glorificado. O próprio Estêvão não demonstrou em momento algum ter alguma objeção a isso, ainda que tenha lhe custado a própria vida. O sangue de Estêvão foi como uma semente, a primeira da galeria dos heróis mártires, que germinou e deu frutos incontáveis, que duram até hoje.

---

<sup>5</sup> Filipenses 3:4-7

## O diácono Felipe, um evangelista (Atos 8:4-40)

Havia uma sede intensa além da fronteira. Multidões de samaritanos aguardavam ansiosos pela mensagem transformadora de Jesus. Até então somente os judeus a conheceram. Agora, com a perseguição iniciada, Filipe acaba descobrindo este incrível campo missionário. Mais uma vez sinais foram realizados, corroborando a mensagem diante de pessoas que nunca a tinham ouvido. O resultado foi uma alegria nunca vista antes naquela cidade.

Como é natural, logo surge um problema. O mágico Simão, um místico que enganava o povo com seus supostos poderes especiais. Ele era o típico charlatão, interessado somente em duas coisas: fama e dinheiro. Seu negócio era claramente este. Assim, ao perceber uma nova “tendência no mercado”, com a chegada de Filipe e os apóstolos e o grande fluxo de pessoas para segui-los, ele se interessa. Abraça a fé (o que não significa uma conversão genuína, como o desenrolar da história demonstra claramente), mas está interessado apenas em auferir lucros. A resposta dos apóstolos é clara como a luz do dia: não há negociação possível quando o assunto é o Evangelho e o poder de Deus. Não havia qualquer sombra de dúvida quanto a isso.

Interessante notar que os apóstolos não perderam muito tempo com esta discussão. Descartaram a proposta de Simão e, ato contínuo, seguiram com a campanha evangelística na região. Continuaram anunciando a palavra nas demais aldeias dos samaritanos. Compreendendo a rixa cultural e histórica existente entre os judeus e os samaritanos, fica claro que os apóstolos estavam começando a compreender melhor que sua missão transcendia estes aspectos humanos e preconceituosos. Ainda levaria algum tempo para que este conceito fosse plenamente compreendido, aceito e vivido, mas as barreiras começam a cair.

Outro aspecto importante é que os apóstolos não foram lá para cercear ou bisbilhotar o trabalho de Filipe. Sua presença ali representava o apoio e o incentivo de líderes comprometidos com a expansão do Reino. Como é bom sentirmos a comunhão de nossos líderes quando estamos no campo de trabalho.

### Um chamado surpreendente

Tudo vai indo de vento em popa. O missionário Filipe está empolgado com os resultados. Os próprios irmãos que vieram de Jerusalém voltam para lá exultantes pelas novas conversões e pela expansão da igreja na vizinha Samaria. De repente, uma ordem inesperada: Filipe tem que deixar aquele campo e ir para uma estrada deserta. Não foi a decisão de uma junta missionária, nem mesmo dos apóstolos. Um anjo, mensageiro do Senhor, foi quem trouxe o comando.

Podemos imaginar a surpresa de Filipe. Por que deixar um lugar tão promissor, quando ainda há tanta coisa a ser feita, e seguir para um lugar ermo? Quem vai continuar o trabalho começado? Por que não chamar outra pessoa? O texto, porém, não permite pensar que estes questionamentos tiveram tempo de ocupar a mente e o coração de Filipe, porque ele simplesmente **“levantou-se e foi”**. A obediência é o melhor antídoto contra a dúvida. Este é um sinal da verdadeira espiritualidade. Ele não sabia o que ia acontecer, nem quem ele iria encontrar. Somente quando surge a carruagem na estrada poeirenta que vai de Jerusalém a Gaza é que o Espírito Santo comanda a aproximação.

### Uma aula sobre evangelismo pessoal

Filipe, um evangelista por excelência, aproveita a “deixa” que o momento lhe dá e entra com o Evangelho. Ao chegar perto do carro, ele analisa rapidamente a situação e oferece ajuda. A

história, então, se tornará num texto típico para ensinar aos evangelistas de todos os tempos alguns princípios de abordagem e colheita.

- Filipe usa o contexto e o interesse do eunuco. Ele já estava buscando Deus. Tinha nas mãos um rolo do profeta Isaías (algo que não era barato naqueles dias) e vinha lendo. A primeira pergunta era retórica: “*Compreendes o que lês?*” Muitas pessoas hoje em dia lêem a Bíblia, mas vêem nela uma literatura como outra qualquer. No máximo a encaram como um livro religioso, místico, que só pode ser manuseado ou interpretado por iniciados nas ciências da fé. Ao evangelista cabe o papel de mostrar que a Bíblia é a verdade revelada de Deus, para a salvação do homem (II Tm 3:15).
- Filipe demonstra interesse pelo eunuco. A pergunta feita indica que ele estava se colocando à disposição do homem para ajudar. Ele não força a situação, mas “é convidado a subir” na carruagem. Era tudo o que Filipe queria e precisava.
- Filipe conhecia as Escrituras. Partindo do texto lido (Isaías 53), ele foi capaz de mostrar a relação entre aquela e as demais Escrituras messiânicas, fazendo a necessária ligação delas com o Senhor Jesus. Não sabemos quanto tempo ele demorou para fazer isso, mas foi o suficiente para demonstrar coerentemente o que a Palavra de Deus tinha a dizer sobre Cristo. Um bom evangelista não pode prescindir do conhecimento dos textos bíblicos sobre o plano de salvação e de sua ligação com a necessidade do pecador.
- Filipe levou o eunuco a uma decisão. Ele não forçou nada, mas mostrou que era necessário exercer fé no Senhor Jesus para a salvação. Ele já tinha falado a ele sobre o batismo (se não, de onde o eunuco teria tirado a pergunta sobre isso?), mas reafirmou que era a fé, não o batismo, que faria a diferença. Somente àquele que crê o batismo é lícito, pois é exatamente uma demonstração pública daquilo que aconteceu no coração, entre o pecador e Deus.

Aí estava a razão do chamado de Filipe para aquele lugar. Um homem. Uma alma. Um solitário eunuco, que não seria membro da igreja em Jerusalém ou mesmo de Samaria. Ele seguiria para a sua terra e provavelmente nunca mais encontraria Filipe neste mundo. Mas Deus estava interessado nele. Uma alma vale o mundo inteiro. Os samaritanos já tinham recebido o seu testemunho. Agora era a vez de um homem igualmente sedento, que voltaria perdido para sua terra se alguém não explicasse claramente a mensagem da salvação.

Ao ver cumprida a sua missão, Filipe se vê a cerca de 30 km do ponto inicial. Ele simplesmente prossegue o seu trabalho de evangelista (v.40). Sua vida era totalmente dirigida por Deus. A expressão “*veio a achar-se em Azoto*” indica que ele fora trasladado até lá pelo poder de Deus ou simplesmente que quando a conversa acabou, ele tenha apeado da carruagem próximo daquele lugar. Seja como for, ele tinha um sentido e um propósito para sua vida. Retomar seu trabalho evangelístico ali era uma questão natural.

## A questão da nova descida do Espírito Santo

Há uma suposta dificuldade neste texto de Atos. É que quando os apóstolos chegam a Samaria, eles **“oraram por eles para que recebessem o Espírito Santo; porquanto não havia ainda descido sobre nenhum deles, mas somente haviam sido batizados em o nome do Senhor Jesus. Então, lhes impunham as mãos, e recebiam estes o Espírito Santo.”** Como conciliar este episódio com a doutrina de que o Espírito Santo é concedido no ato da conversão, segundo Efésios 1:3 e confirmado por textos como Romanos 8:9, por exemplo?



A pergunta é válida e merece ser discutida. A posição deste curso é:

1. Quando o Senhor Jesus deu aos apóstolos a incumbência de serem suas testemunhas, a orientação e o plano era que isso deveria acontecer “tanto em Jerusalém, como em toda a Judeia e Samaria e até os confins da terra” (Atos 1:8). Ainda que forçados pelas circunstâncias da perseguição, este foi exatamente o percurso que o Evangelho seguiu. Cada etapa atingida foi marcada por um derramamento do Espírito Santo (Atos 2, 8 e 19). Era um período de transição da Velha Aliança para a Nova.

2. O livro de Atos é um livro *narrativo*, não um livro *doutrinário*. Muitas coisas que aconteceram ali não se repetiram mais. As cartas dos apóstolos é que constituem a base doutrinária para a igreja. Isto não quer dizer que não podemos aprender ou aplicar lições para nós a partir de Atos, mas quer dizer que para sabermos como as coisas devem funcionar na Igreja de Deus, precisamos verificar o que Ele prescreveu através dos escritos dos apóstolos.

3. Nos dias que se seguiram ao período dos Atos dos Apóstolos, não mais ouvimos qualquer menção à descida do Espírito Santo sobre um crente como um ato posterior e separado de sua experiência de conversão, conforme demonstramos na aula 1 (tópico “Batismo do Espírito Santo”, Página 7).